



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A HISTÓRIA DO QUILOMBO ANUNCIADO EM SEU TAMBOR: A MÚSICA DA NAÇÃO XAMBÁ COMO FORMA DISSEMINADORA DA SUA IDENTIDADE CULTURAL

Lorena Maria Magalhães Rocha
Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - UFRPE
lore_agr@yahoo.com.br

Irenilda de Souza Lima
Prof.^a Dr.^a da Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - UFRPE
irenilima2@gmail.com

Introdução

Ao longo de toda sua história, quilombolas ou remanescentes de quilombos, tiveram grandes dificuldades para enquadrar-se igualitariamente na sociedade, mantendo-se durante décadas num quadro permanente de exclusão social. Entretanto, os quilombos urbanos vem ganhando destaque no Brasil pelo papel que desempenham em prol da manutenção da memória de seus antepassados, possibilitando sobretudo, com que os seus jovens identifiquem-se com sua história e participem do processo de revitalização de sua identidade cultural.

Com efeito, a Nação Xambá, localizado na comunidade de Portão do Gelo, Olinda, foi reconhecido pelo Ministério da Cultura e a Fundação Cultural Palmares em conjunto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como o primeiro quilombo urbano de Pernambuco. Com uma tradição há mais de setenta anos, ocupa hoje a nível nacional a posição de terceiro quilombo urbano.

Embora tenha a religião como base edificadora da sua história, a comunidade agrega em seu cerne a música e arte como fontes propagadoras dos seus valores por meio dos jovens que dela fazem parte. Estes formaram o grupo de música Bongar cujo projeto é um dos pilares da conservação e divulgação da Nação Xambá no Brasil e no mundo. O projeto permite a realização de shows e oficinas, propagando a cultura quilombola também para outros países.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é evidenciar a importância dos quilombos urbanos que visam o desenvolvimento e valorização cultural, destacando-se a necessidade de políticas públicas de apoio a comunidades tradicionais.

Origem e conceitos dos “quilombos urbanos”

Os remanescentes de quilombos não são apenas negros moradores de território urbano, mas comunidades de negros que tem a particularidade de se organizarem em um grupo com identidade étnica resultante de uma série de fatores de auto-identificação que vão desde a ancestralidade negra, formas de organização política, econômica, cultural e social a elementos linguísticos e religiosos.

Com a Constituição Federal de 1988, o direito dos remanescentes de quilombos foi reconhecido pela primeira vez. O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) diz que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.” Enquanto os artigos 215 e 216 protegem dos Direitos Culturais dos brasileiros e declaram tombados os locais que apresentem reminiscências históricas de antigos quilombos; fato que levou a uma maior discussão sobre o conceito adequado de quilombo e de remanescente de quilombo. A Constituição Federal de 1988 não ficou limitada a quilombos como grupos isolados e restritos às áreas rurais do país.

Porém, a primeira titulação de uma terra quilombola deu-se somente em novembro de 1995. Até julho de 2010, somente 102 terras quilombolas foram tituladas. A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na tentativa de orientar e auxiliar a aplicação do Artigo 68 do ADCT, divulgou em 1994, um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais em que se define o termo “remanescente de quilombo”:

“Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.”
(ABA, 1994)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Atualmente, a legislação brasileira já adota este conceito de comunidade quilombola e reconhece que a determinação da condição quilombola advém da auto-identificação.

Segundo (SYLVIA ESTRELLA, 2008), “a palavra quilombo vem de "ochilombo", de um dialeto banto, até hoje falado por certos povos em Angola, que designava acampamento usado por populações nômades”. No Brasil, deu nome aos núcleos de resistência à escravidão onde naturalmente havia uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos.

“Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural.” (NASCIMENTO, 1980, p.32)

O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, conceitua quilombos urbanos como característica quilombola a resistência cultural concentrada em um determinado espaço, mesmo que a sua população tenha tido mobilidade ao longo do tempo.

No Brasil, os quilombos urbanos pareciam pequenos povoados. Localizados bem próximos das cidades, tinham casas de pau-a-pique, construídas com barro e pequenos troncos de árvores. Plantados em clareiras na mata, os casebres eram rodeados pelas criações de cabras, galinhas, porcos e animais de estimação. Com o tempo, os quilombolas fizeram pequenas roças de milho e mandioca, sem dúvida, um traço da influência indígena.

“No modelo tradicional de resistência à escravidão, o quilombo de rompimento, a tendência dominante era a política do esconderijo e do segredo de guerra. Por isso, os quilombolas esforçavam-se para proteger o seu dia-a-dia, sua organização interna de todo tipo de forasteiro, já os quilombos urbanos eram dormitórios dos negros fugitivos que tentavam a sobrevivência nos mercados e portos das cidades.” (EDUARDO SILVA, 2003)

Essa forma de organização dos escravos apresentava diferenças marcantes dos quilombos de rompimento, localizados no interior do país. Eram comandados por líderes que mostravam a cara e brandiam a bandeira da abolição sem medo. “Os líderes eram cidadãos livres, com documentação civil em dia e muito bem articulados



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

politicamente. Não se tratava mais dos guerreiros do modelo anterior. Agora a liderança representava uma espécie de ponte entre a comunidade de fugitivos e a sociedade”, diz o historiador Eduardo Silva (2003).

Dentre as lutas das comunidades quilombolas no Brasil, a que merece maior destaque e maior esforço é a titulação das terras. Porém, cada comunidade tem suas demandas específicas, como a falta de infraestrutura básica, como luz elétrica, saneamento básico e água potável, além de serviços públicos e geração de emprego e renda. O movimento negro teve grande participação nas conquistas quilombolas, em busca da sustentabilidade das comunidades, recursos e implementos agrícolas.

No processo de formação do urbano brasileiro, (CAMPOS, 2005) acredita que, “o espaço quilombola se transmutou em favela já que é onde vive a população pobre, negra, sem acesso aos espaços privilegiados das cidades”. Estes, sofrem problemas de inserção social, além de serem segregados culturalmente.

As periferias são os locais compostos pela maioria negra, além de tudo, são vistas como lugares perigosos, recaindo sobre o negro o duplo estigma da cor da pele e da condição de pobreza.

As comunidades dos quilombos urbanos buscam cada vez mais o reconhecimento étnico, a titularização das terras e a inserção nas cidades. Os quilombos urbanos foram formados, sobretudo, por grupos que viviam aos arredores de cidades que sofreram um processo intenso de urbanização. Além dos que viviam em áreas valorizadas das cidades e que foram obrigados a se remover para a periferia para dar lugar a projetos de desenvolvimento urbano.

Um dos instrumentos que auxilia na concretização do direito à propriedade das comunidades quilombolas é o Plano Diretor Municipal. Previsto no art. 182 da Constituição Federal de 1988, o Plano Diretor é o principal instrumento de ordenamento do desenvolvimento urbano e das funções sociais da cidade e da propriedade. Através deste mecanismo, o reconhecimento das áreas quilombolas, urbanas e rurais, ocorre através da instituição de Zonas Especiais de Interesse Social e Cultural (ZEIS e ZEIC), permitindo a permanência de comunidades tradicionais nas terras que ocupam há várias gerações.

O levantamento feito por um grupo de trabalho com integrantes do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a SEPPIR (Secretaria Especial



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e do Ministério das Cidades, mapeou os quilombos urbanos no Brasil que correspondem ao número de quarenta e quatro. Entretanto, nove são as localidades já reconhecidas como quilombos urbanos e com processo de regularização fundiária aberto no INCRA.

“O quilombo rural ressurgiu como identidade reconstruída” (CUNHA, 1987) a partir do passado comum. A constatação da escassez no rural, verificada principalmente pelos mais velhos, foi possível mediante a comparação entre um passado de abundância e alegria cooperativa pós-escravidão e as carências visíveis do presente. “O quilombo urbano surgiu da organização em torno de uma nova estética e estilo de manifestação político-cultural de protesto, típicos dos guetos negros norte-americanos, como o Hip Hop”. (ROCHA, DOMENICH e CASSEANO, 2001). Segundo Cunha (1987), “a identidade é construída na luta e na escassez, e é este um dos fatores que unifica o quilombo rural e o quilombo urbano”.

Comunidades quilombolas e políticas públicas

Os programas voltados às comunidades quilombolas estão crescendo, a exemplo do Programa Habitacional Quilombolas do governo do Tocantins, uma iniciativa da Caixa Econômica Federal, prefeituras e comunidades, que prevê a construção de moradias de qualidade em 15 comunidades quilombolas do Tocantins. Os imóveis são construídos respeitando os costumes locais das comunidades.

O MMA (Ministério do Meio Ambiente) desenvolveu o Programa Comunidades Tradicionais que oferece assistência técnica e financeira a empreendimentos produtivos e a iniciativas de auto-regulamentação associadas à gestão ambiental. As comunidades beneficiadas pelo Programa têm o compromisso de gerenciar e prestar conta do recurso recebido e dos resultados alcançados.

Em congruência isso, O MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) inaugurou a Arcas das Letras, bibliotecas rurais, em comunidades quilombolas. Em Mato Grosso do Sul, capacitações estão sendo realizadas com representantes das comunidades quilombolas da região de Dourados, de órgãos estaduais e municipais e de lideranças da sociedade civil para participarem dos Conselhos Municipais de Enfrentamento do quadro de desigualdade social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No Piauí, o Balcão de Direitos nas Comunidades Quilombolas, promovido pelo governo do estado por meio da Coordenadoria da Defensoria Pública do Estado, tem o objetivo de desenvolver junto às comunidades ações de assistência jurídica e educativas, além de prestar esclarecimentos sobre direitos humanos. Os processos de separação, emissão de certidões de nascimento, casamento e de óbito estão entre as solicitações comuns ocorridas no Balcão.

A Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) investiu na construção de cisternas nas comunidades. Com as cisternas as famílias passaram a fazer uso de água armazenada em suas residências. Famílias são beneficiadas pela inauguração de rede elétrica, iniciativa do Programa Luz para Todos, uma parceria dos governos Federal e Estadual.

Quilombolas comemoram também a inauguração de telecentros, uma iniciativa que contou com a parceria do Ministério das Comunicações, por meio do programa Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC).

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa caráter qualitativo, que se baseou na análise documental e pesquisa bibliográfica. Tendo em vista que a temática “quilombos urbanos” encontra-se ainda muito recente na discussão e produção acadêmica, a pesquisa documental foi realizada através da análise de documentos oficiais e de material impresso e digital das entidades envolvidas. O levantamento bibliográfico proporcionou a fundamentação teórica das reflexões realizadas sobre as temáticas tratadas e nas análises dos resultados encontrados na pesquisa, além de auxiliar no aprofundamento sobre quilombos, políticas públicas, identidade cultural, dentre outros.

Nação Xambá: cultura e resistência em Pernambuco

Existem comunidades quilombolas em pelo menos 24 estados do Brasil, dentre elas encontra-se o estado de Pernambuco. Segundo a Comissão Estadual das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, há aproximadamente 120 comunidades



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quilombolas no estado. Em março de 2008, oitenta destas comunidades já constavam no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos do governo federal. Comunidades quilombolas de diversas regiões de Pernambuco encontram-se representadas na Comissão de Articulação Estadual das Comunidades Quilombolas de Pernambuco. Criada em julho de 2003, com objetivo de “articular as comunidades do estado para que a luta pela garantia dos direitos dos quilombolas avance de forma integrada”(AQCC,2003).

E dentro de um cenário que alia luta, persistência, cultura e desenvolvimento, a comunidade quilombola Nação Xambá localizado na comunidade de Portão do Gelo, bairro de São Benedito, Olinda, desde 1951, é o único Xambá do Brasil. Diversos autores apontam o povo Xambá ou Tchambá, como povos que habitavam a região ao norte dos Ashanti e limites da Nigéria com Camarões, nos montes Adamaua, vale do rio Benué. Segundo alguns historiadores, a Nação Xambá foi constituída e disseminada no país pelo babalorixá alagoano Arthur Rosendo.

Em Pernambuco, o terreiro de Santa Bárbara - Ilê Axé Oyá Meguê pertencente à Nação Xambá, teve como fundadora Maria das Dores Silva, ou simplesmente Mãe Oyá, que durante toda sua vida dedicou-se a religião, a sua cultura e a defesa do seu terreiro contra os ataques militares, intensificados nos anos de 1937 com a entrada do Governo Novo, regime do presidente Gétúlio Vargas. Nesta época, o poder militar abolia toda e qualquer expressão condizente ao culto do candomblé, não excluindo o estado de Pernambuco deste panorama marcado pelo preconceito e a repressão.

Em consequência aos fortes ataques militares, em 1939 o terreiro de Mãe Oyá é fechado, seguido do seu falecimento o que provocou a dispersão de muitas famílias que viviam neste espaço que também era um quilombo.

Mas a história seguiu em seu tempo e anos mais tarde mais uma mulher assume a direção do terreiro Xambá. Severina, ou Mãe Bui, além de dar continuidade as ações afro-culturais da Mãe Oyá, conseguiu reunir as famílias que ali habitavam, consolidando crenças, costumes e tradições, transferindo seu terreiro para o Portão do Gelo em São Benedito, Olinda, onde funciona até os dias atuais.

Entretanto, o que há de mais relevante nas ações dessas duas mulheres e tantas outras yalorixás e babalorixás que lideraram o Terreiro Xambá, diz respeito à valorização da cultura do candomblé ao som do ritmo do Coco Xambá, assim como o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

trabalho de mobilização voltado as ações de cunho social.



Foto 1. Mãe Biu e Mãe Oyá (respectivamente)
Fonte: Acervo do Memorial Severina Paraíso da Silva

Nesta perspectiva, o terreiro e quilombo Nação Xambá no intuito de fortalecer a cultura afro-brasileira, provocou nos jovens que fazem parte dessa comunidade, a formação do grupo musical Bongar. O Bongar, além de difundir o Coco da Xambá possibilita com que os jovens xambazeiros integre-se em sua comunidade, preservando sua ancestralidade e ressaltando seus valores.

O Bongar foi fundado em 2001. Composto por seis jovens, com o propósito de levar aos palcos um trabalho voltado para preservação e divulgação da cultura pernambucana, a formação musical dos integrantes tem origem na comunidade religiosa Xambá e mostra em suas apresentações o Coco da Xambá, além de caboclinho, maracatu, bumba-meu-boi, frevo, coco de roda, coco de umbigada, ciranda, samba de roda e candomblé, entre outros ritmos da cultura de raízes. Através do show do Bongar tem-se a oportunidade de conhecer os toques, as loas, as poesias e as danças das festas da Casa Xambá, que ressaltam a resistência da Nação Xambá, a cultura afro-brasileira, a religiosidade, a festa do coco e o dia a dia do povo Xambá. Eles também receberam influências externas de manifestações culturais que vinham visitar o terreiro no período carnavalesco, junino e natalino.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Grupo lançou seu primeiro CD em 2006, intitulado “29 de Junho”, uma homenagem à tradicional festa do Coco da Xambá, que se realiza na comunidade há mais de 40 anos nesta data. O Bongar também realiza oficinas de percussão e dança popular, confecção de instrumentos, aulas-espetáculos e palestras.

Sobre o Bongar, Guerra (2010) coloca que “Verificamos que é possível identificar e compreender as permanências e mudanças no fazer religioso e artístico das pessoas envolvidas. Dentro desta questão profunda que é a busca de identidade.”

Em 2010, o Grupo Bongar aprovou um projeto junto ao FUNCULTURA¹, para circulação do seu segundo CD, “Chão Batido Coco Pisado”, lançado em 2009. A partir de então, o grupo passou a ministrar shows e oficinas por todo o Estado de Pernambuco, como contrapartida.

¹ Criado em 2003, o Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura) é o mecanismo concebido e implantado pelo Governo de Pernambuco para unificar as ações de incentivo à produção cultural no Estado. O Funcultura é uma ferramenta que veio substituir o antigo Sistema de Incentivo à Cultura (SIC) e acabou servindo de modelo para o Sistema Nacional de Cultura, do Governo Federal.

Guitinho da Xambá, se referindo aos estudantes integrantes do Grupo Raízes da Escola Estadual José Bezerra de Andrade, que vem trabalhando as variações rítmicas da região, diz que:

“O que eu pude o perceber é que a gente veio pra somar um movimento que já existe na cidade, que vem sendo feito por estudantes e por pessoas da comunidade. Houve uma troca de conhecimentos. Acredito que por estarmos mais próximos de um centro de cultura negra, pudemos abordar um pouco mais esse conteúdo e colaborar para a ampliação do conhecimento. Foi super legal ver crianças, jovens e adultos participando da oficina.”Guitinho da Xambá (2010).

Mais do que um grupo musical, o Bongar representa a continuidade do terreiro e quilombo Nação Xambá, considerado hoje como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura associado à Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), Olinda-PE. Por meio desse grupo, sob liderança de Guitinho da Xambá, parente dos fundadores da comunidade, foi idealizado o Projeto Tem Preto na Tela com o objetivo de gritar a necessidade de inserir o negro em espaços que revelem a sua cor não como sinônimo de preconceito, mas de luta e igualdade social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A 1ª edição aconteceu em 2007. Em maio de 2008 teve início a 2ª edição do Projeto Tem Preto na Tela, no Quilombo da Xambá, com o tema “A televisão não é preto e branco!”. Tem Preto na Tela promove uma análise mais crítica em relação à posição dos negros na mídia através de discussões, rodas de diálogos, palestras e apresentações culturais. Em outubro de 2009 teve início a 3ª edição com exibições de filmes, oficinas e apresentações culturais. Com o tema de reflexão “TV prega ação? Sou do candomblé e respeito a sua religião



Foto 2. Grupo Bongar

Fonte: <http://www.myspace.com/grupobongar>

Uma outra iniciativa desse quilombo trata-se da Ação Griô, que busca resgatar tradições orais. O Hoje Teve Alegria, também destaca-se nessa perspectiva, onde os jovens visitam a casa das pessoas mais velhas para ouvir histórias da comunidade, a capoeira, a construção de instrumentos de percussão e aulas para aprender a tocá-los, e a transmissão do culto religioso.

Para Guitinho da Xambá (2009), “a nação está se descobrindo”, “seu povo resistiu às perseguições e preservou sua cultura”, diz ainda que “sempre se reconheceram como quilombo e não como remanescentes de quilombo, pela história que tiveram, e que o que faz o povo ser reconhecido como quilombo é o direito inerente de qualquer ser humano a liberdade”.

A Nação Xambá é uma tradição religiosa de origem africana, dentre as inúmeras que existem no Brasil, tais como Jêje, Ketu, Nagô, Angola, Mina, passando a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ser reconhecida por méritos pela Fundação Cultural dos Palmares como primeiro quilombo urbano de Pernambuco. Esta titulação favorecerá a implantação de políticas públicas para o quilombo, possibilitando a disseminação sócio-cultural-educativa entre aqueles que dele fazem parte e outros que respeitam a sua arte.

Nesse sentido, o Terreiro de Santa Bárbara, única Casa Xambá de Pernambuco, preocupa-se com a difusão e transmissão de suas tradições, deixando um legado que se constrói ao som dos tambores que musicam o coco, o culto, a cultura, a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os membros da Nação Xambá conseguiram introduzir seu grupo na sociedade pernambucana e divulgar , ainda mais além, sua identidade cultural através da valorização dos seus hábitos, costumes, valores religiosos e através da sua música, principalmente por meio do Grupo Bongar.

Apesar da implantação de algumas políticas sociais aplicadas às comunidades quilombolas, é importante enfatizar a carência de ações direcionadas a valorização e consolidação cultural. Para tal é necessário que quilombolas e adeptos ao culto do candomblé reconheçam-se como agentes mobilizadores da tradição afro-brasileira incentivando seus descendentes na preservação dos seus costumes e resgate das suas origens. Esta compreensão facilitará a implementação de políticas públicas que reconheçam verdadeiramente o quilombo como espaço étnico-cultural.

REFERÊNCIAS

Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco. (AQCC, 2003). Disponível em: http://www.cpis.org.br/comunidades/.../pe_articula.html.> Acesso em 03 ago. 2010.

Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Disponível em: . <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cfdistra.htm.> Acesso em 03 ago. 2010.

CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela: a Produção do “Espaço Criminalizado”** no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 208 p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponibilizado em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em 03 ago. 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil.** Mito. História. Etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponibilizado em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em 03 ago. 2010.

ESTRELLA, Silvia (2008). **Como funcionam os quilombolas.** Disponibilizado em: <<http://www.culturanegra.com.br/quilombos.htm>> Acesso em 03 ago. 2010.

FUNCULTURA. Disponibilizado em: <http://www.fundarpe.pe.gov.br/fomento_funcultura_destaque.php> Acesso em 21 ago. 2010

Grupo Bongar. Fotografia. Disponível em: <<http://www.myspace.com/grupobongar/photos/16677752#%7B%22ImageId%22%3A16677752%7D>> Acesso em 03 ago. 2010.

GUERRA, Lúcia Helena Barbosa. **Xangô Rezado Baixo, Xambá Tocando Alto: A reprodução da tradição religiosa através da música.** 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

Guitinho da Xambá, entrevista realizada em 2010 sobre oficina de dança e percussão em Taquaritinga do Norte promovido pelo Grupo Bongar. Disponível em: <<http://www.nacaocultural.pe.gov.br/grupo-bongar-promove-oficina-de-danca-e-percussao-em-taquaritinga-do-norte>> Acesso em 21 ago. 2010

Guitinho da Xambá. Palestra realizada em 28 de maio de 2009 sobre o quilombo urbano do Portão de Gelo.

Legislação federal. Disponibilizado em: <http://www.cpisp.org.br/htm/leis/legislacao_federal.aspx> Acesso em 03 ago. 2010.

Mãe Biu e Mãe Oyá. Fotografia. Acervo do Memorial Severina Paraíso da Silva. Disponível em: <<http://www.xamba.com.br/his.htm>> Acesso em 03 ago. 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

ROCHA, J., DOMENICH, Mirella, CASSEANO, P. **Hip-Hop - A periferia grita.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SILVA, Eduardo. **As Camélias do Leblon e a abolição da escravatura** – uma investigação de história cultural. Companhia das Letras, São Paulo 2003.